

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Arte e imagem:
contextos,
migrações,
contaminações**

Blindspot: uma parceria entre arte e ciência

Rosana Horio Monteiro
UFG

Resumo

Esse artigo apresenta observações de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é identificar as aproximações e hibridações entre os saberes produzidos por artistas e cientistas, através do acompanhamento do processo de criação desenvolvido no interior de laboratórios científicos. Como o saber científico é lido e reconfigurado pela arte é uma das questões a serem investigadas. Apresento nesse trabalho o projeto Blindspot, desenvolvido pelo austríaco Herwig Turk, um dos artistas estudados.

Palavras chave

Arte e ciência; Blindspot; Herwig Turk

Abstract

This paper presents some notes of a still work in progress, which explores collaborative works between artists and scientists, following the process of creation developed inside scientific laboratories. How scientific knowledge is read and rewritten by art is one of the issues to be investigated. I introduce the art project “Blindspot”, produced by Herwig Turk, one of the artists under study.

Keywords

Art and science, Blindspot, Herwig Turk

Introdução

Nos últimos anos tem-se observado um número crescente de artistas migrando de seus ateliês para o interior de laboratórios científicos, sobretudo na área de biologia molecular. A arte contemporânea tem retomado a complexa relação entre arte e ciência, a partir do uso de tecnologias controversas como as desenvolvidas pela engenharia genética e novas formas de arte, como a arte transgênica e a bioarte, emergem do interior de laboratórios científicos.

Esse cruzamento entre arte e ciência, entre arte e ciências da vida, principalmente, consolidou-se como uma espécie de fenômeno na arte contemporânea, sobretudo a partir dos anos 90 do século XX, quando placas de Petri, ratinhos de laboratórios e outros instrumentos científicos passaram a figurar nos festivais de *media art* e nas galerias de arte em diferentes partes do mundo. Dois artistas seminais dentro desse contexto são o brasileiro Eduardo Kac e o norte-americano Joe Davis. O primeiro, com a apresentação de uma coelhinha bioluminescente, Alba, como obra de arte, em 2000; o segundo, exibindo obras que resultaram de anos de trabalho no departamento de biologia do MIT, cujo início deu-se em 1992. Em Portugal, Marta de Menezes, que se dedica há alguns anos a estudar a interação entre arte e biologia, produziu sua primeira experiência em bioarte, em 1999. A obra intitulada *Nature?* foi fruto de um trabalho de colaboração com o cientista Paul Brakefield, da Universidade de Leiden, na Holanda^{AF}.

Alguns artistas, ao transformarem as técnicas de ciência em seus próprios meios, aproximam-se e apropriam-se das práticas da zoologia, botânica, ornitologia, criando complexas visualidades e narrativas, como é o caso das obras dos norte-americanos Walton Ford e Catherine Chalmers e da portuguesa Gabriela Albergaria.

Outros artistas, ainda, utilizam os princípios, instrumentos, ou contextos institucionais da ciência para criar instalações e ambientes, como, entre outros, Eva Andréa Laramée, Spencer Finch, Matthew Ritchie, Mark Dion e Herwig Turk, austríaco residente em Lisboa.

Além dos artistas citados, muitos outros, em diferentes partes do mundo, trabalham atualmente com materiais e métodos de laboratórios de ciência e colaboram com cientistas, construindo o que se convencionou chamar de trabalhos colaborativos entre artistas e cientistas, desenvolvendo suas pesquisas em centros especialmente criados para esse fim, através de programas de residência artística em laboratórios científicos (*artists-in-labs*).

O presente trabalho faz parte de minha pesquisa de pós-doutoramento, desenvolvida na Universidade de Lisboa no período de agosto de 2009 a julho de 2010, com financiamento da Capes, e cujo título é “(Re)configurações de saberes. Um estudo de trabalhos colaborativos entre artistas e cientistas”. O objetivo principal da pesquisa foi identificar as aproximações e hibridações entre os saberes produzidos por artistas e cientistas, acompanhando o processo de criação desenvolvido no interior de laboratórios científicos, através de visitas regulares a seus espaços de convivência e criação e de entrevistas. De que maneira o saber científico é lido e reconfigurado pela arte, como a arte pode contribuir para a construção do conhecimento científico; como os espaços de produção e sociabilidade são (re) definidos — ateliê e laboratório; como se desenvolvem os processos de criação

de artistas e cientistas. Essas são algumas questões investigadas, a partir de um diálogo entre a história da arte e a história da ciência.

Para tanto, defini como objeto de estudo artistas que participam do segundo programa da “Rede de Residências: Experimentação, Arte, Ciência e Tecnologia”. Acompanho, em particular, o austríaco Herwig Turk, selecionado para o segundo programa de residências (2009/2010), e seu trabalho nos laboratórios do Instituto de Medicina Molecular (IMM), da Universidade de Lisboa.

Inspirada em outros laboratórios artísticos, tais como o australiano Symbiotica¹, a “Rede de residências: Experimentação, arte, ciência e tecnologia” foi criada pelo programa “Ciência Viva”, em parceria com o Dgates (Direção Geral de Artes), órgãos ligados ao governo português. Através desse programa de residências foi definida uma rede de instituições científicas de acolhimento para artistas, nas quais é possível desenvolver projetos artísticos de caráter experimental e transdisciplinar, utilizando ferramentas e processos próprios dos laboratórios de investigação científica. Em cada centro de acolhimento o trabalho do artista é acompanhado por um investigador durante o período de residência. As áreas artísticas contempladas pelo programa são arquitetura, artes visuais, dança, design, música, teatro, performance.

Para a primeira edição do programa (2007/2008), foram apresentados 33 projetos, dos quais 8 foram selecionados. Os resultados dessas parcerias foram tornados públicos através de um ciclo de palestras “Falar sobre arte e ciência” e pela exposição “Experimentação arte, ciência e tecnologia”, eventos que aconteceram no decorrer de 2008. O segundo programa de residências recebeu 53 inscrições e foram selecionados 10 projetos artísticos, que deveriam ser desenvolvidos entre dezembro de 2009 e agosto de 2010.

Ainda em Portugal foi criado em 2006 o Ectopia (do grego, fora do lugar), definido por sua criadora, a artista portuguesa Marta de Menezes, como um espaço para a criação de arte experimental em institutos de investigação científica. Ectopia oferece a artistas portuguesas e estrangeiras residências artísticas em locais de investigação científica, formando uma rede de conexões que permite o trabalho colaborativo entre artista e cientista. Ectopia proporciona aos artistas residentes acesso à pesquisa biológica, que é desenvolvida no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras. Durante o período de residência, os artistas são expostos à pesquisa através de seminários e discussões informais com cientistas, sendo encorajados a desenvolverem projetos em parceria. Além disso, os pesquisadores são convidados a trabalharem com os artistas em seus projetos científicos.

Laboratório invisível

Como o projeto de Turk no IMM ainda está em andamento, o que apresento nesse artigo é o resultado de uma parceria anterior do artista com o cientista Paulo Pereira, biólogo molecular, pesquisador do Centro de Oftalmologia do Instituto de Pesquisa Biomédica em Luz e Imagem da Universidade de Coimbra, Portugal.¹ Os dois vêm trabalhando desde 2004 no projeto “Blindspot”.

¹ Em Portugal, muitos espaços dedicados à ciência, tais como museus, têm recebido exposições de arte contemporânea. Um exemplo é o Museu de História Natural de Lisboa e sua sala do Veado. Para conferir a programação, ver www.mnhn.ul.pt/. Por outro lado, espaços de arte, como o Centro de Arte Manuel

As obras apresentadas nesse trabalho foram reunidas recentemente na exposição “Laboratório invisível”.

As obras

Uncertainty

Nesta instalação, uma câmera registra os movimentos de uma solução de fluoresceína colocada num agitador orbital. A câmera encontra-se também apoiada num agitador orbital, que se move com a mesma velocidade, procurando reproduzir os movimentos exatos da solução de fluoresceína. O que se pretende aqui é alterar as Referências estáveis de inércia e perturbar o sentido de percepção do observador. Como os movimentos dos dois agitadores não podem ser sincronizados de forma perfeita, numa das telas o movimento foi artificialmente sincronizado de modo que a solução de fluoresceína apareça imóvel. Entre a teoria científica e o experimento realizado no contexto de um dado laboratório existem incertezas inerentes às contingências em que essa tradução se processa. São essas incertezas que Turk e Pereira procuram evidenciar visualmente nessa obra.

Tools (2009)

As fotografias da série “tools” descrevem e resumem, como um manual de instruções ou um “story board”, as várias fases de um “western blot”, uma técnica de biologia celular que permite a detecção e a identificação de proteínas. Pediu-se a um cientista para reproduzir os diferentes passos desta técnica na ausência das ferramentas normalmente necessárias e os gestos foram fotografados, compondo uma coreografia. Os gestos, desprovidos de seus suportes materiais, criam outras redes de significação, a partir de uma nova realidade criada.

Agents

Série de seis retratos de equipamentos de um laboratório de investigação. Retirados dos seus contextos usuais, esses equipamentos ganham um estatuto de objeto escultórico. Composto por três vistas (uma frontal e outras duas de perfil), cada retrato, segundo Turk e Pereira, parece também “inspirar-se nas técnicas de identificação antropométrica utilizadas para identificar criminosos reincidentes”.

Gaps (2009)

A obra é a reprodução tridimensional do modelo da proteína conexina 43, desenhado pelo pesquisador da Universidade de Coimbra, Steve Catarino. As conexinas participam na formação das “gap-junctions”, canais que atravessam as membranas das células e permitem a passagem de nutrientes e de pequenas moléculas sinalizadoras, assegurando a comunicação entre elas.

de Brito (CAMB), também oferecem atividades científicas, promovidas por instituições como o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e o Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB). IGC e ITQB já ofereciam programas de residência artística antes da criação da rede de residências. Ver www.itqb.unl.pt/science-and-society (ITQB) e www.igc.gulbenkian.pt/node/view/117(IGC).

DNA film (2008)

DNA Film é a projeção de uma sequência genética sobre o solo, com trilha sonora criada a partir da medição da luminosidade dos frames. As imagens das sequências de DNA são organizadas em filas verticais de pequenos quadrados, ligeiramente desfocados, pretos e brancos, similares a fotogramas que poderiam ter sido retirados do início ou do fim de uma bobina de um filme mudo em preto e branco. Daí o título da obra.

Referenceless (1998-2003)

Série de quatro fotografias que foram integralmente criadas por Herwig Turk a partir de uma tela de computador vazia, sem a presença de qualquer imagem. Esta criação foi possível graças a um programa de edição de imagem e a aplicação sucessiva e aleatória das suas ferramentas. As imagens produzidas foram enviadas para diversos cientistas, que, sem saber a sua origem ou o modo como foram produzidas, concordaram que elas representavam tecidos biológicos ou células ampliadas por técnicas de microscopia.

Todos os trabalhos que integram o projeto “Blindspot” foram criados no contexto de um determinado laboratório científico, em colaboração com cientistas, sendo a maioria deles no laboratório coordenado por Paulo Pereira. Produzindo vídeos, fotografia e instalações, em “Blindspot”, diferentemente da maioria dos trabalhos colaborativos entre artistas e cientistas, são abordadas questões relacionadas à percepção pública da ciência e à produção do conhecimento.

Em “Blindspot”, questiona-se o valor da percepção “enquanto parte integrante e contaminante dos processos de construção do conhecimento científico” e, ao isolarem e destacarem aspectos geralmente invisíveis e periféricos do processo de produção científica, artista e cientista conferem “um protagonismo dramático às contingências, aos determinismos e às circunstâncias que influenciam a formação/construção de uma observação/representação, explorando, em termos artísticos, os fundamentos epistemológicos da ciência”, explicam os autores.

Nas séries que compõem “Blindspot”, os equipamentos de laboratório mais do que simplesmente objetos são apresentados como personagens. Também diferentemente da maioria dos ditos trabalhos colaborativos, Paulo Pereira assume-se como co-autor em algumas obras. Artista e cientista definem de fato uma parceria em que ambos voltam seus olhares para a prática científica, para o que (e como) os cientistas de fato fazem, e não mais somente para os produtos da ciência, especialmente o seu produto intelectual, o conhecimento.

O projeto “Blindspot”, segundo Herwig Turk e Paulo Pereira, promove uma articulação integrada e construtiva entre arte e ciência enquanto atividades que partilham métodos, procedimentos e uma determinação em encontrar novas formas de representação da realidade.

Referências Bibliográficas

ANKER, S. and Nelkin, D. *The molecular gaze*. Art in the genetic age. New York: Cold Spring Harbor Laboratory Press, 2003.

DASTON, L. (ed.). *Things that talk*. Object lessons from art and science. New York: Zone Books, 2004.

EDE, Siân. *Art & science*. London: IB Taurus, 2005.

REICHLE, I. (ed.) *Art in the age of technoscience*. Genetic engineering, robotics and artificial life in contemporary art. Springer Wien NewYork, 2009.

Scott, Jill (eds.) *Artistsinlabs*. Processes of inquiry. Springer Wien NewYork, 2006

STURKEN, M. and Cartwright, L. *Practices of looking: an introduction to visual culture*. London: Oxford University Press, 2001.